



MERCADO DE CUBA.

Um espirituoso viajante, que é também um sábio occupado de todas as idéas uteis, confessa que o seu primeiro cuidado, em chegando a uma cidade que não conhece, é visitar o mercado. Para elle o mercado é uma exposição, onde os pescadores da margem, os caçadores da planície ou da montanha, e os agricultores mais nomeados, levam os productos do seu trabalho ou industria. E, em conclusão, o lugar por excellencia onde se pode sem trabalho ser iniciado nos costumes d'um povo. Tem de mais um certo ponto de vista, como faz muito bem observar mr. Weddell (*); o mercado pode ser olhado como o espelho do que se passa em uma das partes mais importantes das habitações.

Pelas noticias dos *touristas* e mesmo dos viajantes serios, a hospitalidade, como a praticam na ilha de Cuba, é de magnificencia desconhecida na Europa. Em algumas d'estas casas de *principes* da Havana servem-vos tres cobertas, mas que são preparadas em salas particulares, cujos esplendidos ornatos variam segundo o acto importante de que são theatro. É preciso con-

cordar que estes excessos de luxo não se renovam a miudo; mas o que é quasi geral nas casas que gosam de certa riqueza, é o uso em que se está de fazer passar os convivas depois de jantar a uma segunda sala, onde a sobremesa é servida com a mais elegante magnificencia.

Pode fazer-se opportunamente idea do que são os mercados d'uma cidade onde se comprehende assim a vida. Todas as produções dos tropicos se acham ahi reunidas em abundancia.

Não é pois d'esta vez ao *paseo Tacon*, ou ao *paseo d'Ysabel segunda*, logares de predilecção em que se juntam os elegantes da Havana, que nós conduzimos o leitor. Não recordaremos os ligeiros *volantes* com ornatos de prata, que percorrem em todos os sentidos estes passeios resplandcentes de *toilettes* variadas; deixaremos descansar os *quitrins* que luctam em viveza com estes elegantes caleches: é simplesmente a praça do mercado que nos transportamos hoje.

A ilha de Cuba é uma terra abençoada, que se tem enriquecido successivamente de todas as produções, tornando facil a vida do homem: assim, apesar do terrivel tufão de 1846, que

FEVEREIRO, 27, 1858.

(*) Viagem no norte da Bolivia e nas regiões vizinhas do Pera—Paris. 1855.

devastou completamente os mais risonhos vergeis, não ha região onde os vendedores apresentem mais bellos fructos. Uma linha de caminho de ferro de sessenta kilometros conduz da Havana ao fertil valle de Guines, e transporta as produções.

Aspartes montanhosas dão ao mercado de Cuba muitos fructos da Europa, taes como a maçã, o pecego, o ligo vermelho e branco, a uva, e a romã; ao mesmo tempo que os fructos primitivos das Antilhas embalsamam o ar com seu perfume.

O mercador d'aves não desempenha na Havana papel inferior ao dos vendedores de fructa. Uma coisa digna de notar certamente, e que não tem sido bastante observada, é a rapidez com que a nossa gallinha, perfeitamente desconhecida entre os Igneris e os Caraibas, se tem propagado nas Antilhas. A qualidade comtudo não equivale a quantidade, e nós duvidamos muito que os *gallineros* de Cuba possam offerecer aos seus freguezes uma só ave comparavel ás nossas. Os perús, ao contrario, originarios da America do Norte, conservam em todos os mercados do novo mundo incontestavel preeminencia sobre os que criam os nossos camponeses.

Ainda que a classe operaria e a baixa burguezia façam consistir o seu principal alimento, em Cuba, de farinha de mandioca e milho, fabrica-se abí excellente pão. A visinhança dos Estados-Unidos e mesmo do Mexico, onde o trigo cresce de maneira maravilhosa, permite a introdução, na ilha, das farinhas de primeira qualidade. O pão, mettido em cestos, circula nas ruas da Havana, distribuido pelo padeiro, que muitas vezes pertence á raça negra. Por vezes, tambem, o *pauadero* é um homem de cor, que anda pelas ruas valendo-se do socorro d'um jumento para distribuir a sua mercadoria.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

Conclusão.

VI

Seriam pouco mais ou menos dez horas quando o abbade saia pela ultima vez do mosteiro de Whalley preso a um pequeno carro puxado por dois cavallos; levava dois homens ao seu lado: um trazia sobre si as vestes de sacerdote, o outro hasteava a bandeira do conde da Pobreza. O carro era precedido por um esquadrão de cavallaria, uma companhia de archeiros, e por um grande numero de frades descalços que queriam prestar esta ultima homenagem de respeito ao homem que ainda consideravam como seu abbade. Apoz o carro divisava-se Demdike vestido d'escarlata, trazendo uma corda enrolada ao pescoço, e no meio de dois homens que tinha escolhido para seus aju-

dantes: em seguida caminhava uma forte escolta d'alabardeiros, para conter qualquer movimento do povo.

Chovera toda a noite; o ceo estava ainda carregado de nuvens, e as estradas alagadas. O funebre cortejo dirigia-se para o logar de Whalley que ficava a alguma distancia do mosteiro; quando chegaram a esta pequena povoação, encontraram todas as portas e janellas fechadas, e nem um unico habitante apparecia pelas ruas. Depois de se demorarem alguns instantes no logar principal da aldêa tomaram o caminho de Wiswall Hall, residencia da familia de Paslew, que era uma das mais antigas do condado.

A casa estava tão deserta como a aldêa, porque o irmão do abbade, Francisco Paslew, tinha partido para o Northumberland no dia antecedente. Apesar de não ter dado um passo para salvar o irmão, nem haver tomado de nenhum modo parte na revolução, Francisco Paslew não tinha escapado ás suspeitas do governo, e era para o humilhar que tinham decidido ler diante da sua residencia a sentença do abbade, e uma relação minuciosa do seu crime.

Havia muitos annos que este ultimo não visitara os sitios aonde nascera, em consequencia de desintelligencias com seu irmão, e foi bem penosa a impressão que lhe causou aquella visita. Entregue ás suas dolorosas recordações não teve consciencia do que se fazia em torno d'elle; não ouvia o que se lia e foi só aos tres toques da trombeta annunciando a partida, que viu o brasão das suas armas pregado na hombreira da porta, collocado ás avessas, e fendido pelo meio. Em pouco mais de meia hora a comitiva tinha chegado ao mosteiro aonde o esperavam já os outros dois monges, presos cada um ao seu carro do mesmo modo que o abbade, mas desfallecidos, pallidos, quasi moribundos.

Soaram outra vez as trombetas, e o conde de Derby e um alcaide saíram do mosteiro para se dirigirem ao logar da execução. Aos pés da forca encontrou o abbade o prior que o esperava procurando animal-o para aquelle tremendo lance. Muita gente estava junta para verem e despedirem-se de Paslew: as pedras e injurias choviam de todos os lados sobre Demdike quando subiu á escada do cadafalso. Henrique Vals que estava entre os espectadores retirou-se faltando-lhe o animo para ver o que devia seguir-se: e corria sem saber para onde, quando um grito de horror soltado pela multidão lhe annunciou que o abbade tinha deixado de existir. Não quiz olhar para traz e segurou-se a um muro para não cair; assim esteve até que os passos dos cavallos do conde de Derby que voltara ao convento lhe restituiram os sentidos. Soube pelas conversações dos que passavam que o corpo devia ser depositado na egreja do convento, e que Demdike se encarregara de executar esta ordem.

Dirigiu-se instinctivamente para ali apressando-se para lá chegar primeiro que ninguem.

Entrou na igreja, estava deserta; subiu para o côro, e abrindo uma das janellas collocou-se por detraz da imagem de pedra de S. Gregorio, de Northburg que ficava por cima da porta.

Não teve que esperar muito tempo; apenas ahi estava entraram no adro quatro homens conduzindo um esquife coberto de preto e um dos primeiros era Demdike. À porta da igreja descansaram o esquife em quanto um d'elles a foi abrir. Demdike então levantou o panno e contemplou a physionomia desfigurada do seu inimigo.

— Agora estou plenamente vingado, exclamou elle.

— E o abbade Paslew tambem! bradou uma voz.

Demdike teve tempo de levantar os olhos para ver a grande estatua de S. Gregorio que lhe caia em cima, e que o despedaçou, salpicando com o seu sangue o rosto e as mãos do abbade Paslew. O corpo mutilado do feiticeiro foi posto na mesma casa aonde ha pouco se tinha enterado sua mulher. O corpo do abbade Paslew sepultou-se na igreja do convento: uma cruz gothica n'uma das lages com esta inscripção « miserere mei » ainda aponta o lugar aonde foram depositados os seus restos mortaes.

Annos depois o povo affirmava que Demdike não chegara a enterrar-se, mas que o demonio o tinha levado n'aquella mesma noite. E que um monge a horas mortas saia do mosteiro, e desaparecia no lugar aonde se tinham levantado as forcas. Outros que habitavam do outro lado diziam ver o mesmo monge passeando pelos corredores e pelos claustros. O mosteiro afinal foi abandonado de todo e ninguem gostava de passar nas suas visinhanças depois do sol posto.

A filha de Demdike viveu, e é d'ella que nasceram as tão celebres bruxas de Lancashire.

M.

O OPIO.

Não conhecemos outra substancia que mais amiudadas vezes se empregue nos medicamentos, e que se encontre sob mais variadas formas nas pharmacias, podendo acalmar as dôres excessivamente vivas, ou causar a morte, conforme a dose que se empregue. Não ha tambem de certo outro medicamento mais estudado pelos autores, e que tenha fornecido materia a mais serios trabalhos e variados escriptos. Ainda o anno passado se publicaram em Paris duas theses sobre este objecto, mediando apenas poucos mezes de intervallo. Foram de Mohamed Effendy Charkauy, e mr. Reveil.

Este producto vem do Oriente sob tres diferentes nomes: *opio de Smyrna*, *opio do Egypto*, e *opio de Constantinopola*. O seu commercio é consideravel, pois no espaço de dez annos só d'elle se importou em França o valor de 3.680: £88 francos.

Apesar de já se ter tratado esta materia nos

precedentes volumes do *Panorama*, voltamos hoje a ella, porque nas memorias a que alludimos encontramos novos e variados esclarecimentos, não explicados ainda, e que julgamos muito interessantes. Extrahiremos primeiro o que se contém na these de Charkauy.

O opio, segundo diz este autor, é extrahido da papoula somnifera (*papaver somniferum*). Esta substancia colhe-se no começo do estio. Quando a flor da papoula cae, queremos dizer no momento da maturidade, homens e mulheres se dirigem aos campos, e cortam horizontalmente as capsulas. Sae d'ellas um succo branco, leitoso, e que no dia seguinte se recolhe com uma espatula, e se deita n'um vaso que o trabalhador traz consigo. As pessoas empregadas n'esta colheita sentem depois do trabalho uma somnolencia profunda, e ficariam completamente embriagadas se não houvesse a precaução de trazer sobre as fontes uma cebola partida, cujo cheiro aspiram de quando em quando.

Recolhe-se de cada capsula um grão de opio. Assim colhido mettem-no em vasilhas com opio falsificado, extrahido de figos, de therebentina, e outras drogas. Enviam-se aquellas vasilhas a Smyrna, e ahi se vendem. Um homem experiente separa depois o verdadeiro do falsificado. Não seria mais simples envasilhar somente o puro? Sim: porém o roubo é quasi uma necessidade para o cultivador do opio, e acredita que assim tira maior ganho.

De ha tempo muito antigo, em 1588, tratou-se de aclimatar na Europa esta papoula. Os resultados foram felizes, mas apesar d'isso a Asia conservou o monopolio.

Isto da falsificação do opio já vem de tempos remotos. Nas eras de Plinio e Dioscorido falsificavam-no com succo de allface, do glaucium, ou da chilidonia. Chevalier, na sua excellente obra sobre falsificações, enumera as substancias com que elle se pode falsificar.

Vamos agora à these de mr. Reveil.

O opio, diz o illustre escriptor, é para os orientaes o mesmo que o vinho e as bebidas alcoolicas para os europeus. Os mastigadores d'opio tem sempre por fim adormecerem momentaneamente as dôres physicas ou moraes. Infelizmente não prevêem as consequencias do abuso d'esta substancia, e que abreviam assim os dias de vida. Os orientaes em todo o tempo tem sido insaciaveis de opio. O governo de Cantão publicou um edicto condemnando a prisão perpetua aquelles que fossem convencidos de o fumarem. Ainda assim se não triumphou d'aquella paixão.

Os turcos e os persas mascam o opio, quer só quer misturado com substancias aromaticas que lhe disfarçam o mau sabor.

Logo se conhece no exterior a pessoa habituada a elle. O corpo apparece abatido; a face apresenta-se pallida e amarella, o passo tremulo, a espinha dorsal curvada a ponto de

tomar a forma circular; os olhos macerados, e os órgãos digestivos em perfeita perturbação, sem apetite, sempre constipados, e transtornadas as faculdade mentaes.

Apesar d'isso augmenta de dia para dia a inclinação áquella droga pernicioso, sendo obrigados a augmentar successivamente a dose, a ponto de toda ser insufficiente. Então misturam-lhe sublimado corrosivo, podendo elevar-se a dose d'este composto mercurial até cincoenta centigrammas diariamente. Augmenta assim a acção estimulante; sobrevem atrozes soffrimentos, especialmente nevralgias, e é raro ver chegar aos quarenta annos um mastigador de opio. Nada eguala seus tormentos quando se vêem privados d'elle, e os jejuns do rhamanzan, porque não podem comer nem beber desde o nascer até o pôr do sol, é para elles uma horrivel quadra. Para não soffrerem tal privação, tem por costume engolir, de madrugada, diferentes doses de opio envolvido em capsulas, ou substancias que se dissolvem successivamente, fazendo-se assim não sentir tanto aquella privação. Quando querem cessar o uso do opio, misturam-no com cera, e augmentam progressivamente a porção da cera, até chegarem a tomal-a pura.

O opio opera especialmente sobre o systema nervoso. Tomado em dose moderada, augmenta as forças, e é de muita utilidade para os viajantes que não podem levar bastantes viveres.

A primeira vez que se toma opio, julga-se a pessoa transportada a um outro mundo; sente-se mais leve, e parece-lhe que se lança a voar. O opio excita alegria, e produz sensação egual á do *hachisch*.

Fuma-se o opio n'um cachimbo, cujo tubo é de noventa centímetros, a um metro, acabando no extremo inferior por uma noz com seu esvasamento, onde se mettem dez, ou vinte centigrammas de opio que se accende com um carvão inflammado. É preciso fumar mais de um cachimbo para chegar ao grau de embriaguez que os fumistas desejam. Parece que o gaz oxydo de carbone que os fumistas constantemente respiram é que produz a embriaguez.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

DESDE O REINADO DE HUGO CAPETO, CHEFE DOS REIS DA TERCEIRA RAÇA, ATÉ AO DE S LUIZ.

I

Continuação.

1129. Philippe, filho mais velho do rei, foi coroado em Reims por ordem de seu pae; mas não viveu muito tempo. Um dia em que se divertia com alguns fidalgos, nos arrabaldes de Paris, um porco desgarrado metteu-se-lhe entre as pernas do cavallo, que caiu. O joven rei ficou de tal modo pisado na queda, que expi-

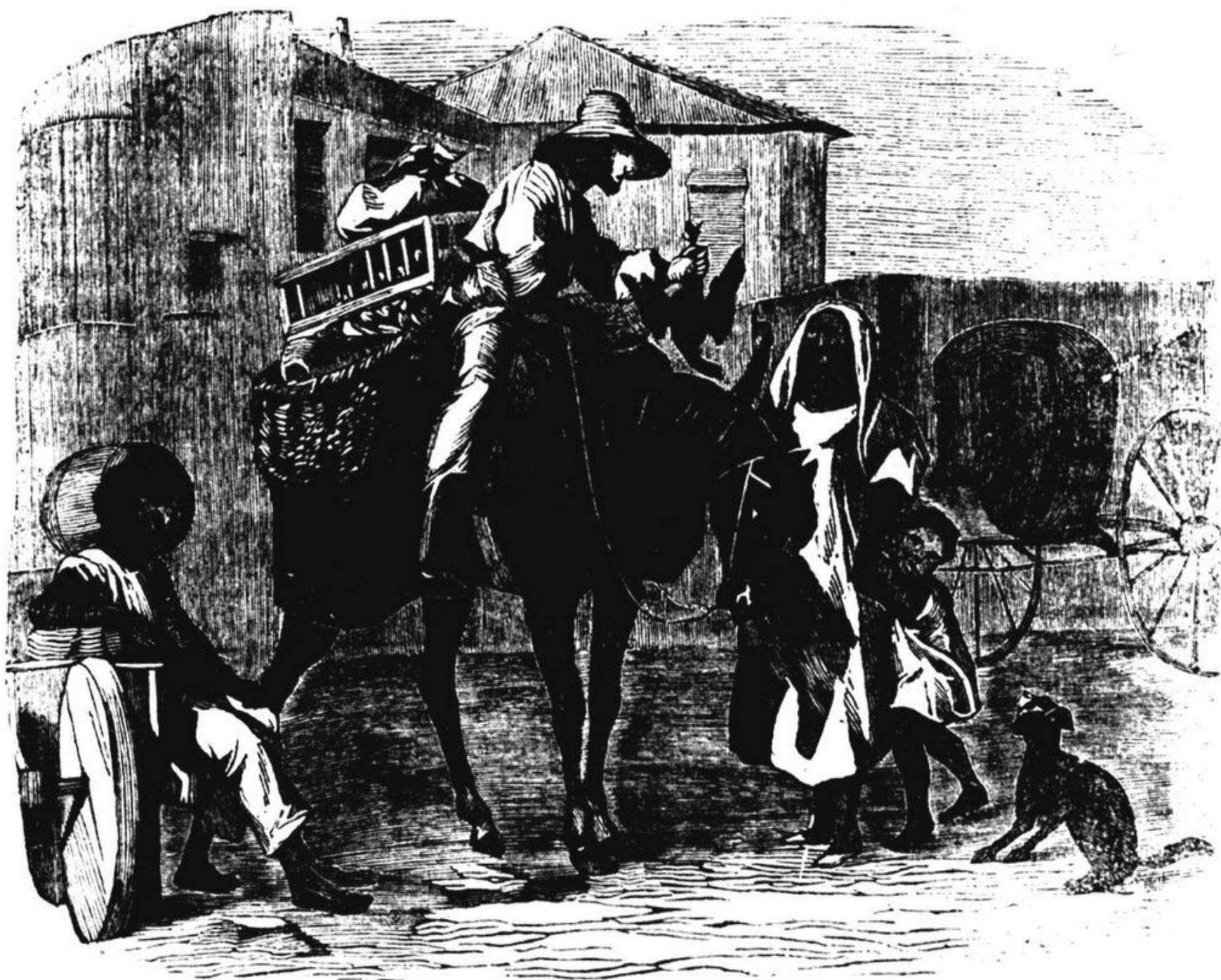
rou na noite seguinte. O monarcha, para consolar-se d'esta perda, fez sagrar seu segundo filho Luiz. Este foi coroado pelo proprio papa, doze dias depois da morte de Philippe. As desordens de Roma tinham obrigado o pontifice a retirar-se para França, asylo ordinario dos papas perseguidos.

1137. Luiz o Gordo adoeceu, e morreu na idade de sessenta annos, pouco mais ou menos, tendo reinado vinte e nove depois da morte de seu pae. Não se lhe podem negar nem as qualidades que formam o heroe guerreiro—actividade, valor, e intrepidez; nem as virtudes que fazem o bom rei—affabilidade de costumes, tendencia para fazer bem, applicação ao governo, zelo da justiça, amor dos povos, e odio á oppressão e tyrannia. Se fosse tão habil na politica como no mais, teria egualado, talvez mesmo excedido, os mais illustres de seus predecessores. Os reis deveriam ter sempre presentes as ultimas palavras que elle disse ao seu successor: «Lembrae-vos, meu filho, que a realeza não é senão um cargo publico, de que dareis conta áquelle que dispõe dos sceptros e corôas.»

Luiz VII, o Moço.

1141. Os primeiros quatro annos do reinado de Luiz o Moço foram pacificos; mas depressa a ambição do papa e as intrigas de Theobaldo, conde de Champagne, o amigo, o protector dos frades, e o heroe de S. Bernardo, trouxeram de novo a discordia ao reino. O monarcha oppozera-se á eleição d'um arcebispo de Burges, feita sem o seu consentimento. Innocencio II foi o proprio que sagrou o prelado, e lhe deu a posse da se dizendo por insulto que *o rei era um rapaz que precisava ser instruido, e desacostumado de se intrometter nos negocios da egreja*. Luiz manteve-se com firmeza; os seus dominios foram postos em interdicto. Theobaldo declarou-lhe guerra. O rei accommette Champagne, saqueia Vitri, e faz incendiar a egreja, onde morreram mais de mil e trezentas pessoas. Esta cruel execução foi seguida de violentos remorsos, para socegar os quaes fez voto d'ir á conquista da Terra Santa.

1145—1155. S. Bernardo foi encarregado de pregar segunda cruzada. Trasladou-se para isso ao parlamento de Vezelai em Borgonha. A vehemencia das suas palavras subjogou os corações: o rei tomou a cruz, e a nobreza imitou-o: o entusiasmo apoderou-se de todos os francezes, e de todas as partes se gritava: *A cruz! A cruz!* Bernardo despedaça os seus habitos para as fazer; e, como ainda não bastassem, permite a multidão converter n'este veneravel signal tudo quanto encontrasse á mão. Suger, abbade de S. Diniz, o melhor cidadão, o ministro mais fiel, o homem d'estado mais habil que havia então, foi eleito regente do reino. Luiz partiu seguido de oitenta mil homens. Chegou a Constantino-pola, onde o imperador Manuel Comenne o recebeu com honras. Mas este principe que via



MERCADO DE CUBA.

tremendo, os seus estados inundados por esta multidão de latinos, teve a destreza de despedir e enfraquecer estes perigosos hospedes. O monarcha francez, vencido pelos sarracenos, levantou o cerco de Damasco; e, tornando para França, foi detido pelos gregos. Rogerio, rei da Sicilia, livrou-o, e deu-lhe os necessarios soccorros para voltar ao seu reino.

É admiravel que Luiz, depois de taes aventuras, se não desgostasse das cruzadas. Apenas chegou, concebeu o projecto d'outra; mas os espiritos estavam tão frios, que foi constringido a renunciar a elle. Sua mulher Leonor, herdeira da Guienna e do Poitou, que o acompanhara n'essa viagem tão longa como desgraçada, tinha-se dado, diz-se, durante ella, a commercio illicito com Raymundo, principe d'Antiochia, seu tio paterno, e com um moço turco chamado *Saladino*. Luiz julgou lavar esta vergonha fazendo annullar o seu casamento, e desposando Constança, filha d'Alfonso, rei de Castella. Foi assim que perdeu a Guienna, depois de ter perdido na Asia o exercito, o tempo e a honra.

1136. Ateou-se a guerra entre a Inglaterra e a França, por causa do condado de Tolosa. Luiz, ora vencido, ora vencedor, não alcançou victoria importante, nem soffreu derrota consideravel.

Alguns tractados suspenderam estas dissensões que só foram totalmente terminadas em 1177, pela promessa de casamento do segundo filho de Henrique II, com a filha mais nova de Luiz o Moço.

1180. Este principe morreu, na idade de sessenta annos, d'uma paralytia que contrahiu n'ello ao tumulo de S. Thomaz de Cantorbery, a quem tinha dado asylo em França, no tempo das desavenças d'este prelado com Henrique II, seu soberano. Luiz o Moço era piedoso, bom e intrepido; mas sem politica nem finura, e sempre arrastado por supersticiosa devoção. Foi o primeiro dos reis de França que usou de flores de liz nas armas e no sello. Prohibiu o duello pelas dividas que não excedessem a cinco *sous*. Uma divida de seis *sous* era pois materia sufficiente para desalio!! Similhante ordenança prova simultaneamente a fraqueza da legislação, e a barbaria d'aquelles tempos.

Continua.

A ANTIGA CASA PIA.

Quando comparamos este estabelecimento na sua origem, com os que depois se lhe seguiram, e d'elle se derivaram, não pode o animo acom-

panhar a presente geração no desprezo que pretende lançar aquelles que nos precederam. *Laudator temporis acti* embora nos digam por sermos entrados na idade em que as illusões se nos acabaram: censura immerita se nol-a fizerem: e vamos proval-o com uma abreviada noticia d'este estabelecimento, tres annos depois da sua fundação.

Foi a Casa Pia instituida primitivamente no castello de S. Jorge no dia 3 de Julho de 1788 pelos cuidados e desvelos do que então era intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique, no reinado da rainha a Senhora D. Maria I. Teve em vista este illustrado funcionario, além de fazer educar ali a mocidade ociosa, reprimir e corrigir os vicios dos que viviam na corrupção de costumes, aproveitando a uns nas artes, e a outros nas sciencias, segundo as proprias inclinações, do que se seguiu para o estado uteis cidadãos n'alguns que mais tarde o vicio teria de sequestrar da sociedade.

Tres annos depois d'aquelle memoravel dia da sua instituição, vamos encontrar este humanitario estabelecimento dividido em sete repartições, que seguiremos, resumidamente, pela sua ordem numerica.

Era a primeira a *Casa de Força*, com o titulo de *Nossa Senhora do Monte do Carmo*. No fim do anno de 1791 existiam n'esta casa trezentos e quarenta mendigos, homens e rapazes, para serem corrigidos, e ensinar-se-lhes diversos modos de tecidos de linho, brins, e algodão, para o que havia montados sessenta teares, além de onze para meias de seda e algodão.

E como se esta fabrica ainda fosse pouco, mais outra havia com setenta e oito teares para lonas e brins, que chegaram a tecer-se com tanta perfeição, que não temeram competencias com os melhores do estrangeiro.

Além das duas fabricas, e sujeita tambem a esta primeira repartição, havia mais uma cordaria com seis rodas para fios de lona, e brins de varias qualidades.

Inoculado assim no mendigo, que uma providente policia apprehendia nas ruas, o amor do trabalho; amestrado pelo ensino que recebia n'estas fabricas; attestado de uma boa conducta e exemplar morigeração, não havia duvida em lançal-o de novo no seio da sociedade, d'onde, tão utilmente, estivera alguns annos sequestrado. Era um artista que as fabricas se apressavam a acolher com bom salario, e que amparado com o officio que o estado tão proficuamente lhe ensinara, se transformava em util chefe de familia, e proveitoso cidadão.

Onde temos nós hoje ahi estabelecimento que compense este da primeira repartição da antiga Casa Pia? Temos um *Asylo de Mendicidade*, onde se recolhe o mendigo, porém o mendigo inutilisado; que o robusto, e apenas entrado no caminho da ociosidade, se deixa continuar na vida, que, com vilipendio de uma sociedade, que se diz illustrada, apresenta o mais repugnante es-

pectaculo que este seculo nos pode offerecer no meio das suas apregoadas luzes e philantropia.

N'aquella primeira repartição havia o armazem de todas as fazendas fabricadas em todo o estabelecimento, e tambem o dos materiaes e effeitos precisos para as fabricas e mantimentos; uma enfermaria, com grandiosa botica, e laboratorio chymico, onde não só se preparavam todos os remedios necessarios para os doentes da mesma casa, mas tambem se davam a todos os pobres da cidade, que fizessem constar legitimamente sua necessidade por attestações dos respectivos parochos, e medico ou cirurgião.

A segunda repartição tinha a invocação de *Santo Antonio de Lisboa*. Destinava-se a meninos, e n'ella havia duas aulas de ler, escrever, e contar, cada uma com seu professor, e sobre ambas um administrador, para o bom regimen dos discipulos. No anno a que nos reportamos frequentavam as duas aulas duzentos cincoenta e nove discipulos.

A terceira repartição era conhecida com a invocação de *S. José*, e n'ella havia vinte e quatro meninos, que eram ensinados e dirigidos por um mestre de lingua alemã, expressamente mandado vir d'Alemanha para este fim.

A quarta repartição intitulava-se de *S. Diogo*. Tinha n'aquelle anno cincoenta e cinco meninas orphãs de pouca idade, com sua mestra, e outras mulheres para as educar, e ensinar.

A quinta repartição era o *Collegio de S. Lucas*, onde havia cento e oitenta e cinco estudantes, com tres professores das linguas latina, franceza, e ingleza. Adjuntas a estas aulas havia uma de anatomia, outra de desenho de figura, e de architectura.

A academia de nu, por não haver commodos no castello, era estabelecida a *S. Camillo*, e a ella concorriam os pintores e esculptores da cidade. Tinha esta academia oito directores, que eram os primeiros pintores e esculptores da côrte, e mais dois modelos, e trabalhava em as noites de inverno, e nas manhãs de verão, sendo a entrada franca nas horas de estudo a quem quizesse.

Os estudantes d'estas aulas, nos quaes se reconhecia capacidade, iam estudar fora, nas aulas publicas da côrte, philosophia, mathematica, grego, commercio etc. Este collegio tinha um reitor e vice-reitor, que eram ecclesiasticos.

Sexta repartição: *recolhimento de Santa Ursula*, onde existiam duzentas e dezenove meninas orphãs, às quaes, além de religião e bons costumes, se ensinava a ler, escrever, e contar; cozer, bordar de oiro, prata e matizes; a fazer flores, toucados, e modas de senhoras; a tecer fitas de varias qualidades, e panno de linho, etc.

Eram governadas por uma regente, e uma ajudanta. Junto a este recolhimento havia uma casa com o titulo de *Nossa Senhora do Livramento*; aonde se guardavam as orphãs em quanto

se lhes não dava destino, e eram governadas por aquella mesma regente.

A setima e ultima repartição, com a invocação de *Santa Margarida de Cortona*, era casa de correcção de mulheres libertinas, e n'aquelle anno continha duzentas e dezoito, que se occupavam em fiar linho e algodão, e em cozer para a mesma casa, com horas destinadas para ouvir missa, e varias devoções. Dirigia-as uma regente, com sua ajudanta. Havia mais ali uma grande enfermaria.

Annexa a esta estava a casa de *Nossa Senhora da Conceição*, que n'aquelle anno continha trinta e duas mulheres, que por sua livre vontade ali se recolheram, occupando-se em varios trabalhos, e exercicios espirituaes. Tinham regente separada, e usavam de habito azul e branco.

Como acabamos de ver d'esta singela exposição, a Casa Pia do castello foi origem de varios estabelecimentos que hoje temos, como por exemplo a academia de bellas artes, successora das aulas de desenho e architectura do antigo thesouro velho, que no principio do seculo se desannexou d'aquelle do castello que tão bons pintores e desenhadores creou: assim como a casa da estopa na Cordoaria, etc.; mas o que nenhum dos modernos estabelecimentos tem são os tres seguintes collegios, que então eram dependencia da Casa Pia.

O collegio de *Cóimbra*, onde no dito anno de 1791 existiam quarenta e dois estudantes que frequentavam na universidade as sciencias naturaes, destinados para se formarem em medicina, e que eram governados por um reitor, e um director, sob as ordens e instrucções do intendente geral da policia.

O collegio d'*Edinburgo*, na Escossia, onde na dita epoca estavam sete estudantes para frequentarem e estudarem n'aquelle universidade, anatomia, cirurgia, medicina, e partos; havendo n'aquelle anno dois que já tinham aprendido este ultimo ramo da sciencia n'um hospital em Dinamarca.

O collegio de *Roma*, onde existiam dez alumnos da mesma Casa Pia, aperfeiçoando-se na arte de pintar, esculptura, architectura civil, e gravura ao buril.

Remataremos este artigo dizendo que n'aquelle anno de 1791 se haviam casado vinte e cinco orphãos do recolhimento de *Santa Isabel*, e vinte mulheres da casa de correcção de *Santa Margarida de Cortona*; e haviam saído, com licença para trabalharem livremente pelos seus respectivos officios, dezoito officiaes que tinham aprendido nas fabricas da casa.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A tyrannia é cuidadosa em involver no expesso veio da ignorancia o entendimento dos homens, afim de que elles nunca entrem no conhecimento de seus direitos.

MYSTERIOS.

Acaso não julgas que seja um mysterio,
Ao ver d'uma aurora risonho arrebol,
Os cimos dos montes n'um vasto horizonte
De luz colorindo da luz do seu sol?

Não achas mysterios na brisa que sopra
Nas tardes fagueiras do ameno verão?
E as aves cantando por entre os salgueiros,
Mysterios não trinam na doce canção?

E a barca vogando no mar caprichoso,
No mar deslisando que a pode afundir,
Não diz que mysterio dos p'tigos a livra
Se o mar se levanta furioso a rugir?

A lua brilhando, saudosa e patibérica,
Em luz immergindo do Tejo o cristal,
Não é porventura mysterio indizível,
Que um mundo de ideas inspira ideal?

E os castos amores, que as almas entaçam
Em mutuos transportes de ignoto viver,
Que são para a vida? mysterios apenas,
Mysterios que sinto... não posso dizer!

São tudo mysterios no ceo e na terra:
A vida mysterios, a morte laudável,
Mysterio a ventura, mysterio a desgraça,
Mysterios que certo não cifra milagrear!

QUAES?

Não sei por quaes me decida,
Quaes olhos queira por meus.
Se os negros, copia da noite,
Se os azues, copia dos ceos!

Os negros são e são estrellas
N'uma noite sem luar,
Fulgem de amor e mysterio,
E fitos... são de ralar!

Os olhos negros são lindos
E fallam... fallam de mais,
Mas riem mais do que choram
Do sarcasmo são rivaes!

Taes olhos mesmo formosos,
Se a chamma accendem do amor
A par de tal fogo accendem
Dos negros zelos a dor!

E se fulgem de ironias,
Tornam negro o coração,
Fazendo um negro ludibrio
Da extremosa escravidão!

Não hesito já na escolha,
Não n'os quero para meus.
Em vez d'elles, antes quero
Os azues copia dos ceos!

Dizem muitos que são falsos
Calumnias são a meu ver;
Posso afirmar o contrario,
Sem mesmo indiscreto ser!

Olhos azues transparentes,
Terno espelho d'alma são,
Lê-se logo a travez d'elles
O que sente o coração.

Se uma angustia presenciam,
Inunda-os o pranto ali,
E em taes olhos o sarcasmo,
Nunca, ai! nunca descobri!

Quem haverá que resista
A celeste candidez,
Que elles tem quando a donzella
Os fita em nós uma vez?

Pois ha maior attractivo,
Do que a innocencia sem par,
De uns d'estes olhos formosos,
Quando o amor os faz baixar?

E para o ceo levantados,
Não julgaes um anjo ver,
Saudoso da patria sua,
Forçado em terra a viver!

São taes olhos meu enlevo,
Dos negros renegarei,
Lindos são, mas são travessos....
Os azues escolherei!

MENDES LEAL (ANTONIO).

CHRONICAS MONASTICAS

DA COMPANHIA DE JESUS

III

Casa de S. Roque.

Continuação.

Esta capella de S. João Baptista esta ornada com tres lampadas de prata, guarnecidas de figuras de bronze, lavrado e doirado.

Tambem ahi se vêem dois tocheiros com suas esculpturas nos perfis e ornatos. São de prata doirada, e a base de bronze tambem doirado. A altura de cada um é de 13 palmos.

Diz-se que custaram setenta e cinco mil cruzados.

Ha na banquetta seis castiças, e uma cruz, de bronze, com muita esculptura e baixos relevos, tudo doirado. O fundo é de lapis-lazuli. Medem de altura, o maior 5,2 palmos: o menor 4,8.

As sacras são tres, de bronze, com varios relevos doirados.

Serve nos dias de festa um precioso frontal, cujo fundo é de lapis-lazuli, e com um baixo relevo de prata, representando o cordeiro e os

anciãos do Apocalypse. Além d'estas ha outras muitas figuras.

Aos lados do frontal ha dois anjos de prata. Tem 3,75 palmos; e servem de misulas á cimalha, que corre por todo o frontal.

Este tem bellos ornamentos de prata, em altos relevos, feitos a cinzel, e de muito bom gosto.

Ornam-no mais diversas molduras de um metal que o senhor abbade de Castro, de quem tomámos estes apontamentos, diz ser o de Corintho, e que explica nos seguintes termos:

« Quando os romanos saquearam, e pozeram fogo á cidade de Corintho, capital da Achaya, como se tinha lançado ás chammas grande quantidade de estatuas de oiro, prata, cobre, e outros metaes, esta mistura produziu um novo metal, a que chamaram cobre de Corintho, e que teve sempre rara estimação. »

Este frontal, segundo consta, foi de custo de sessenta mil cruzados.

Ha mais seis castiças e uma cruz que servem tambem nos dias de festa, de prata doirada, com a dimensão d'aquelles que acima notámos.

Mais outros dois existem ainda, que eram destinados a servir no throno portatil da capella, com trinta e quatro que estavam na egreja patriarchal, á Cotovia, e que se consumiram no fatal incendio que em 13 de Maio de 1769 devorou este edificio. Hoje servem aquelles dois castiças para os acolytos nas missas solemnes.

Ha mais quatro relicarios, de 3 a 4 palmos de alto, de prata, doirados, com muita esculptura e ornatos.

Afóra tudo isto ha tres sacras, do mesmo metal, lavradas: e mais um calix, duas galhetas, prato, thurybulo e naveta, vaso para agua, taça e pires, campainha, jarro e bacia, palmatoria e apagador, de prata, excedendo comtudo n'estas peças o lavor á mesma boa qualidade d'ella.

Finalmente um tapete de fina lã de camello e oiro, representando tudo delicados labores: que tambem se diz custara setenta mil cruzados: e paramentos brancos, encarnados, verdes, e roxos, de tecido de oiro, e bordados com magnificos labores e feitos. Servem estes nos dias mais solemnes.

Nos usuaes ha-os de gorgorão, das mesmas côres; e preto para as missas de defuntos, com sebastes bordados de retroz.

Foiam feitos em Genova.

Cada paramento tem os seus frontaes e dois pannos de reposteiro para as portas lateraes da capella.

Mais tres pannos de gorgorão de côr violeta com os emblemas da Paixão, bordados de oiro, no centro, e que servem a cobrir os quadros no domingo da Paixão; e mais duas capas para as cruces, de velludo roxo, com bordados de oiro.

A roupa branca da sachristia é de fazenda de Hollanda, guarnecida de excellente renda de Flandres, e muito bem ornada.

Continua.